15:57 33%

_ SEG_ Fernando Cabeira _ Demétrio Magnoli (quinzenal) _ Miguel de Almeida (quinzenal) _ Joaquim Santana (quinzenal) _ Washington Olivetto (quinzenal)
_ TER_ Merval Pereira _ Carlos Andreazza _ QUA_ Vera Magalhães _ Gio Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ Roberto Saviano (quinzenal) _ QUI_ Merval Pereira _ Nati Gaspar
_ SEX_ Vera Magalhães _ Fábia Oliveira _ Pedro Doria _ Bernardo Mello Franco _ SÁB_ Carlos Alberto Sardenberg _ Eduardo Affonso _ Paulo Cristóvão _ DOM_ Merval Pereira _ David Hanazaki _ Bernardo Mello Franco

FLÁVIA OLIVEIRA

blogs.oglobo.globo.com/opiniao
flaviaoliveira@gmail.com

Entre o precário e o próspero

Começo a escrever enquanto espero o início do quarto e último painel da terceira sessão do Fórum Permanente de Pessoas Afrodescendentes, nesta semana na sede da ONU em Genebra (Suíça). A trilha que precede a reunião sobre a proclamação de uma segunda década afrodescendente é uma versão de "Zé do Caroço", sucesso de Leci Brandão. Foi a canção que Teresa Cristina escolheu para abrir a cerimônia de abertura do Fórum. No corredor do Palácio das Nações, está a mostra "Atlântico negro", com obras de duas dezenas de artistas brasileiros, a começar por Rosana Paulino, com a bandeira Pretuguês, homenagem à filósofa Lélia Gonzalez, autora do conceito. Yhuri Cruz enviou a icônica "Anastácia livre", representação da escravizada sorrindo, sem mordaça. São indícios do protagonismo que o Brasil tenta recuperar como nação de maior população negra fora da África. A ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, formalizou a intenção de realizar no país — quem sabe no Rio de Janeiro — o próximo encontro.

A renovação por mais uma década, proposta que o Brasil defende, sugere que os primeiros dez anos não foram suficientes para alterar as condições de vida dos afrodescendentes mundo afora. Verdade. Mas é também sinal de interesse da comunidade internacional em, ao menos, se manter mobilizada sobre enfrentamento ao racismo, justiça reparatória e desenvolvimento sustentável. A agenda é interminável: da infância à produção de indicadores; do perfilamento racial por agentes da lei à educação inclusiva; da visibilidade de pessoas com deficiência e LGBTQIA+ às mudanças climáticas; da regulação da inteligência artificial à crise profunda do Haiti; da situação das mulheres ao acesso a serviços básicos; do cumprimento dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável ao combate à intolerância religiosa. Mãe Nilce de Iansã, do Ilê Omolu Oxum, lançou no evento a campanha Divulgue Axé, contra o racismo religioso.

No Fórum da ONU, não há assunto que deixe o Brasil de fora. Fui a Genebra para um evento paralelo, a convite de Geledés, organização fundada há mais de três décadas por Sueli Carneiro, filósofa, ativista, feminista negra, referência de todas nós. Fomos provocadas a tratar de estratégias para o empoderamento econômico da população afrodescendente, claramente insuficiente, com Independência, com Abolição, com tudo.

Sueli Carneiro reivindica um programa de desenvolvimento econômico para a população negra como medida de reparação histórica a um grupo historicamente excluído. "O Brasil tem uma longa experiência de mobilidade social de imigrantes europeus, com políticas subvencionadas pelo Estado", sublinhou. A intenção é cobrar de organismos multilaterais de financiamento, bancos de desenvolvimento, caso do BNDES, e do setor privado ações para alavancar empreendimentos de pessoas negras, livrando-as da informalidade, da escassez de crédito, da precarização.

Não faltam diagnósticos a confirmar as barreiras para ascensão de afrodescendentes, sobretudo mulheres negras. O acesso por cotas às universidades públicas multiplicou o número de formados, mas não resolveu as assimetrias na ocupação.

Desigualdades de raça e gênero travam o desempenho econômico do Brasil. A presidente do Ipea, Luciana Servo, lembrou que a discriminação tira 14% do PIB potencial. Equidade, portanto, impulsiona, não afunda a atividade. Gaynel Curry, membro do Fórum Permanente, assinalou que ações de diversidade de gênero não garantiram a inclusão de todas as mulheres; as afrodescendentes avançaram menos. Kellie Ognimba, do Alto Comissariado para os Direitos Humanos, destacou a sobrerrepresentação das negras em trabalho doméstico e funções de cuidado, quase sempre informais.

Pude falar da predominância do precário em detrimento do próspero nas políticas sociais que alcançam a população negra. O Brasil sabe criar modelos de construção de riqueza tanto quanto insiste em manter certos grupos no limite da vulnerabilidade. O Plano Safra 2023/2024 destinou R$ 360 bilhões ao crédito agrícola, mais que o dobro do orçamento do Bolsa Família. Do total, 70% ficaram com soja e milho, lavouras de exportação; feijão, da agricultura familiar, levou 1%, calculou Arnoldo de Campos, especialista na área.

É o caso de pensar por que uns estão fadados à precariedade, e outros à prosperidade. E corrigir. Um país que é capaz de fazer busca ativa de miseráveis também há de saber identificar potências e apoiá-las com crédito, assistência técnica, acesso a mercados. Há um jeito de pensar um crescimento econômico redistributivo, sobretudo em tempos de urgência para proteção ambiental (povos indígenas e comunidades tradicionais), economia de cuidados (ocupação para mulheres) e combate à fome.

Faltou no Fórum ênfase ao debate sobre segurança alimentar. Enquanto o mundo debatia as condições de vida dos afrodescendentes, a ONG Public Eye, suíça, reportava ao mundo que a gigante Nestlé adicionou quantidades elevadas de açúcar em alimentos para bebês e crianças (Leite Ninho e Mucilon) vendidos em países de baixa e média rendas, Brasil entre eles. Na Europa, de regulação mais rígida, a prática não foi identificada. A OMS recomenda que crianças de até 2 anos não consumam açúcares livres.

BERNARDO MELLO FRANCO

oglobo.com.br/bernardo
X: bernardomf
bmf@oglobo.com.br

Carnaval fora de época

Em fevereiro, o bicheiro Rogério de Andrade fez saber que estava aborrecido. Não poderia ir ao Sambódromo ver a mulher, Fabíola, evoluir como rainha da bateria da Mocidade.

Se o desfile fosse hoje, o dissabor seria evitado. Numa decisão que espantou os próprios colegas, o ministro Kassio Nunes Marques livrou o capo da obrigação de passar as noites em casa. Ele também foi autorizado a devolver a tornozeleira eletrônica.

A defesa do bicheiro alegou que as restrições o prejudicavam no "bom exercício de sua ativa paternidade". O apelo não sensibilizou o Superior Tribunal de Justiça. Ao chegar ao Supremo, tocou o coração de Kassio.

A canetada é escandalosa, mas não chega a ser surpreendente. Indicado por Jair Bolsonaro, o ministro coleciona uma série de decisões que fizeram sorrir o sobrinho de Castor de Andrade.

Em setembro de 2021, revogou uma ordem de prisão do capo, que estava foragido da polícia. Três meses depois, votou para trancar a ação em que ele era acusado de mandar matar Fernando Iggnácio, seu rival na disputa do espólio de Castor.

Em agosto de 2022, Kassio revogou outra prisão de Andrade. Desta vez, no processo da Operação Caligula, que o apontou como chefe de quadrilha. A investigação listou múltiplos crimes praticados pelo bando: de homicídio a corrupção, de extorsão a lavagem de dinheiro.

Em junho de 2023, o ministro ainda mandou soltar Gustavo de Andrade, que havia sido preso junto com o pai. O jovem é conhecido como "príncipe regente". Vai herdar a banca e o controle armado de dezenas de bairros do Rio.

Investigadores costumam apontar Andrade como o bandido mais perigoso do estado. Na nova decisão de Kassio, ele desponta como um cidadão exemplar, vítima de "constrangimento ilegal".

O ministro pode ser chamado de muitas coisas, menos de desinformado. Sabe quem é o chefão do bicho e conhece seu histórico de fugas e suborno de agentes públicos. Mesmo assim, julgou que a Justiça não precisava mais monitorá-lo.

A tornozeleira nunca impediu que o bicheiro continuasse na ativa. Em março, uma operação prendeu 18 PMs que atuavam ilegalmente como seus seguranças.

Ao ignorar tantos fatos notórios, Kassio presenteou o patrono da Mocidade com um carnaval fora de época. Se depender do ministro, que deu pinta na Sapucaí este ano, o capo voltará à avenida em 2025.

PEDRO DORIA

blogs.oglobo.globo.com/opiniao
colunapedrodoria.com.br

Agora são quatro IAs

A Meta, empresa mãe de Facebook, Instagram e WhatsApp, lançou seu pacote de inteligência artificial generativa. É um modelo só de texto, chama-se Llama, está na versão 3 e, segundo a companhia, fica à frente de Gemini, do Google, Claude 3, da Anthropic, e GPT 3.5, da OpenAI. Maneira estranha de anunciar — afinal, nem menciona o GPT 4, a última versão. Mas o lançamento é importante, pois passa um recado: agora a disputa é entre quatro jogadores.

Nas próximas semanas e meses, Zap, Face e Insta se encherão de recursos movidos a IA. Começará pelas caixas de busca dos apps, logo aparecerá também um site tipo ChatGPT. Estará no endereço meta.ai. É uma aposta grande, afinal os serviços da Meta tocam em 3 bilhões de pessoas no mundo todo. É quase meia humanidade. Em março, o ChatGPT alcançava 180 milhões. A diferença de escala é estrondosa. Não é absurdo imaginar que, para muitos, sua primeira experiência com a tecnologia virá agora.

De sua parte, o Google também anunciou novidade: os departamentos responsáveis pelo Android, navegador Chrome, GooglePhotos e até pelos aparelhos celulares estarão sob um mesmo comando. É quase tudo da holding, com exceção dos serviços de busca. A razão é uma só: integrar com inteligência artificial. Eles querem controlar as prioridades e uniformizar a maneira como os usuários encontram os recursos de IA. Ela estará por toda parte, em breve.

Enquanto isso, Dario Amodei, fundador e CEO da Anthropic, voltou a circular entre podcasts e imprensa para afirmar que a IA está para dar mais um salto. Ele não fala apenas de seu Claude, diz isso em referência aos concorrentes também. Amodei, responsável pelo GPT 2 e 3 antes de deixar, brigado, a OpenAI, está convencido de que o crescimento de capacidade dos modelos será exponencial. A próxima geração será irreconhecível, e nos aproximaremos em pouco tempo de inteligência equivalente à humana. Se sua tese estiver correta, não só a inteligência artificial generativa se tornará a maior tecnologia jamais criada por nós muito rápido. Esse muito rápido virá no ano que vem ou no seguinte. Ele diz, nem todo mundo no setor concorda.

Trata-se de uma aposta grande, afinal os serviços da Meta tocam em 3 bilhões no mundo todo. É quase meia humanidade

Agora que são quatro companhias no jogo, todas têm um mesmo problema. O atual GPT 4 foi treinado com uma quantidade de textos que um ser humano levaria 20 mil anos para ler. Em geral, o treino vem de conteúdo encontrado na internet. Páginas da web toda, incluindo veículos noticiosos, sites de conversas. Na última versão, tanto OpenAI quanto Google precisaram começar a transcrever automaticamente o texto de vídeos do YouTube para alimentar o bicho. Uma das companhias cogitou adquirir a Penguin Random House, quarta maior editora do mundo, apenas para pôr as mãos no estoque de livros. Pois é. Comprar uma corporação livreira gigante é troco para esses jogadores e vale muito se, com isso, fechar a porta aos outros para aquele material de treinamento.

Os Large Language Models, LLMs, grandes modelos de linguagem, precisam de muito texto escrito por seres humanos para simular inteligência. E, do jeito como a tecnologia funciona hoje, entre o ano que vem e 2026 se esgotará o que existe na internet para servir de treinamento. Enquanto uns sonham com produzir inteligência artificial superior à humana, talvez se descubra antes que nem tudo o que a humanidade já produziu seja suficiente para empurrar a máquina até lá.

A corrida não para.